

6

Conclusão

Há significativos elementos do pensamento de Kant que permanecem atuais, e, como ele mesmo acredita, podem ser considerados eternos. Espaço e tempo são intuições sensíveis; o sujeito tem uma causalidade própria, enraizada em sua espontaneidade, que determina a forma dos fenômenos e, do Idealismo Transcendental, pode-se derivar algumas lições “incontestáveis”, sobretudo, que sujeito e objeto têm uma relação necessária, e determinam-se reciprocamente.

Em vista da necessidade de investigar a si mesmo, e na medida em que a espontaneidade humana está em relação necessária com o que denominamos “realidade”, é preciso adotar o procedimento dogmático, buscar sistemática e exaustivamente tudo o que pertence ao sujeito, e não meramente ao “objeto” (seja ele qual for). Ainda, como a “razão” impõe a si mesma obstáculos e dificuldades para ser autônoma, é preciso conciliar ao procedimento dogmático o método pirrônico de *isosthenia* e *époché*. Síntese crítica que permite, justamente, continuar a investigar a si mesmo, conhecer-se não somente como propedêutica para conhecer o mundo, mas ainda para descortinar as relações intrínsecas entre o “eu” e o “mundo”.

A síntese de dogmatismo e ceticismo localizados, por mais paradoxal que seja ou que pareça, é um tema a ser investigado, o que Kant faz de forma sistemática, notoriamente, como nenhum outro pensador antes dele. Em comparação de “doutrinas” filosóficas, o criticismo é uma via média entre o dogmatismo e o ceticismo, já em comparação metodológica, o método crítico é uma assimilação do procedimento dogmático e do método cético, de modo que, assim, não está entre eles, mas os engloba e se situa para além de ambos.

O dogmatismo, indubitavelmente, é a tendência primeva e mais forte do homem no tocante ao conhecimento, não está presente somente na infância da filosofia ou da razão, mas é preciso sempre lançar mão do método cético para arrefecer a perene febre dogmática da humanidade, cujo uso é indispensável e

vital, de fato, elemento vivo na atividade constante da crítica, que não supera esses “primeiros passos” da razão - que podem ser os definitivos - os rechaçando, mas os apropriando em seus elementos de verdade.

Como escreve Pascal, “A verdade está entre o dogmatismo e o ceticismo”. Pode-se dizer que entre o juízo e sua suspensão está propriamente a investigação, a *zétesis*, a perpetuação da busca à verdade. Há um espaço entre o dogmatismo e o pirronismo que é marcado pela passagem, pelo transcorrer do tempo, das ações e atitudes. É o espaço e o tempo especialmente da observação e da “caminhada”, em que o homem, ao pensar *por e a si mesmo* e em comunhão com os outros, é capaz de perceber no movimento uma invariável. Esse é o caso da *História da Razão Pura*, na qual Kant, ao observar o movimento próprio dos usos da razão em sua caminhada na história empírica da filosofia, é capaz de refletir sobre o seu caminho transcorrido e dele derivar uma lei transcendental. A progressão de desmoronamentos de edifícios filosóficos, todos eles compromissados em dar razão para o saber e para a própria razão, expressam a vida da própria razão, o seu desenvolvimento intrínseco que se espelha na história da filosofia.

No entanto, pode-se detectar que há um ponto, *entre* o dogmatismo e o pirronismo, em que Kant não mais continua a investigar, não mais busca um “trabalho ao infinito”, e o seu pensamento não pode mais ser seguido, e, não pode de fato, pois não segue adiante, não prossegue. É no dogmatismo negativo de negar peremptoriamente que espaço e tempo, fora da sensibilidade humana não são nada, e que a causalidade é tão-somente uma categoria do entendimento humano, que Kant pára abruptamente.

Espaço e tempo não podem ser apenas estruturas que organizam a receptividade, como a causalidade não pode ser apenas uma ordenação para tornar inteligível o que é recebido pela sensibilidade. Pelo contrário, é preciso - a partir da *verdade incontestável*¹ de Kant de que espaço e tempo são intuições sensíveis, de que a causalidade não é uma categoria das coisas mesmas, mas que se dá no entendimento humano - continuar investigando, para além desse

¹SCHOPENHAUER, A. O Mundo como Vontade e como Representação. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 549: I 518.

autoconhecimento, quais determinações a natureza possivelmente imprime em espaço, tempo e causalidade.

Haja vista que o homem é um ser da e na natureza, e não está “acima” ou para além dela, o que se encontra nele, como um poder fundamental da sua própria constituição, não pode ser pensado inteiramente isolado da natureza. Escreve PASCAL:

A natureza do homem é inteiramente natural, *omne animal*.
Não há nada no homem que ele não possa tornar natural;
não há nada natural que ele não possa perder.²

A distinção de Kant de fenômeno e coisa em si, e com ela a consciência da impossibilidade de conhecer o Absoluto, trazem consigo a contraparte de levar a pensar que o conhecimento pode chegar ao fim com o conhecimento de si do homem, de que essa é a sua finalidade última, e até de que se pode realmente satisfazer-se apenas com isso. A necessidade de pensar a si mesmo e vir a conhecer-se o quanto possível, perscrutando o abismo infinito de si, ganha em Kant um embasamento sistemático.

Kant determina com rigor fundamentos filosóficos incontestáveis da relação do homem com o mundo, estabelecendo no sujeito as operações espontâneas que determinam a constituição da realidade, e ainda as que não são “constitutivas”, mas servem apenas para orientar a sua concepção do mundo. Desse modo, por determiná-las, Kant é capaz de, por assim dizer, limitar positivamente o escopo das questões que se colocam na relação entre a investigação do homem e sua investigação da natureza.

A questão “O que é ao homem?”, em Kant a sua quarta pergunta, é a finalidade última do conhecimento enquanto nela se espraiam as anteriores, e apenas na medida em que é um problema sempre atual, que precisa ser sempre novamente colocado, por ser capaz de orientar a investigação da natureza bem como esclarecer a ilusão na qual a razão se enreda. Contudo, pode-se identificar no dogmatismo negativo “transcendental”, de que formas puras do conhecimento

não são nada mais do que elas mesmas, o germe, mesmo que não fosse esse o intento de Kant, para considerar “O que é o homem?” como a primeira e principal pergunta da filosofia (na medida em que serve de respaldo ao pensamento de que ao se determinar algo definitivamente em nós mesmos torna-se “desnecessário” continuar a investigá-lo no mundo), o que significa uma redução tanto na compreensão do significado da filosofia quanto nas possibilidades de pensar.

Paradoxalmente, a “antropologização” do conhecimento – que como Foucault analisa se dá, sobretudo, no século XIX – tem o resultado de levar ao isolamento do homem da natureza. Pelo contrário, é necessário pensar o homem tendo em vista que o seu modo de ser e conhecer, na medida em que é o próprio homem quem opera a investigação da natureza, a determina; mas, ainda, é determinado por ela. Como *a priori* só podem-se estabelecer fronteiras do conhecimento, mas nunca limites, que são sempre contingentes, conclui-se que toda e qualquer forma de dogmatismo negativo é pernicioso, pois tanto afirma sem fundamento que a verdade é inatingível, quanto reduz a amplitude do pensamento.

O tema das fronteiras *a priori* da razão é uma descoberta kantiana que se situa entre o dogmatismo e o ceticismo de forma inteiramente inovadora, pois é conhecimento *a priori* da ignorância, uma ignorância “científica”. As *fronteiras* são determinadas a partir da teoria do modo de conhecer, e derivam da sua constituição específica. Consistem, assim, em uma investigação imanente, que não se confunde com o dogmatismo negativo na medida em que não é mera especulação, mas conhecimento, por sua vez, não meramente negativo, mas que se torna ele mesmo positivo, um mapeamento “científico”.

Kant encontra uma forma brilhante de conciliar dogmatismo e ceticismo - em vista de determinar bem como “testar” a nomotética da razão, ou melhor, descobre um campo inteiramente novo para a investigação filosófica que permite conciliá-los. Mas a síntese crítica de ceticismo e dogmatismo, a assimilação parcial de elementos de suas doutrinas, não se limita à necessidade de lidar com os aspectos positivo e negativo da razão; buscar o conhecimento de si das formas *a*

² PASCAL, B. *Pensées*. The Great Books, Vol. 33. Chicago: The University of Chicago, 1952, p.

priori da experiência; e refutar concepções do mundo que não tenham esse ponto de partida imanente, mas que pressupõem a coisa em si, uma existência conectada a uma realidade absoluta.

Kant de fato lança um método contra o outro, não de modo a estabelecer uma doutrina cética ou dogmática, mas para revigorar a mente e mantê-la em constante atividade. Entretanto, pode-se dizer que nesse ponto Kant só pode satisfazer um pensador que não seja nem um cético nem um dogmático convicto. Pois o quê Kant vislumbra com essa síntese senão a própria crítica? O projeto dogmático de conhecer a existência real é desqualificado, o acometimento cético pela *ataraxia* é despojado de sentido. Dogmatismo e ceticismo são ambos descaracterizados e só encontram seu significado essencial com a crítica. Desse modo, para satisfazer conjuntamente a céticos e dogmáticos, a filosofia crítica deve ser capaz de esclarecer ambos, de tornar mais claro para os próprios dogmáticos suas intenções e objetos, e para os céticos a causa específica da sua descrença nesses.

Pode-se afirmar que a síntese em questão não é nem casual, nem supérflua na filosofia crítica de Kant. Não se trata apenas de um corolário metodológico à “teoria da razão”. Em estreita ligação com a investigação na *Crítica da Razão Pura* não de sistemas de filosofia, mas da própria razão humana, está a “despersonificação” do filósofo dogmático e do pirrônico. Kant identifica na própria razão a *tendência* a ultrapassar os limites da experiência possível, a isolar-se, a entrar em conflitos pretensamente insolúveis consigo própria nos quais se contradiz.

Dessa maneira, o filósofo da antiga Königsberg amplia a noção de dogmatismo, ceticismo e criticismo para além de seus conceitos acadêmicos, de escola, a uma visão cosmopolita da filosofia, segundo a qual todas essas correntes filosóficas dão voz, conferem sistematicidade e rigor a pensamentos que estão no homem como homem. As possibilidades de método - entre as quais a síntese metodológica que as reúne, as supera e as amplia, a filosofia crítica - expressam

alternativas de pensamento entre as quais o homem oscila, pois todas elas têm contato com a natureza da própria razão humana.

Nesse sentido, nenhum homem pode ser um dogmático ou um cético irrestritamente sem desconhecer ou enganar a si mesmo em certa medida. É a própria razão que impede que “metodologia” seja tratada de forma deslocada dos objetos investigados e, além do mais, que alguém se identifique como “cético” ou “dogmático” sem atentar para como reside em si mesmo a inclinação oposta.

Desse modo, Kant descaracteriza as filosofias cética e dogmática a partir do conceito de que não se pode ser tão-somente cético ou dogmático. Da mesma forma, apesar da filosofia crítica reuni-los parcialmente, tanto para trabalharem em conjunto, quanto para se oporem mutuamente, poder-se-ia questionar: é possível ser tão somente crítico? O conhecimento *a priori* de si, tão limitado e circunscrito *a priori*, é suficiente para a razão satisfazer-se, sem aderir, mesmo que momentaneamente, ou a motivações dogmáticas, e buscar a existência real, ou à descrença pirrônica, e deixar-se levar à *ataraxia*?

Sendo a razão tão multifacetada, sem ser capaz de encontrar repouso em lugar nenhum – pois no dogmatismo contradiz a si mesma, na *ataraxia* olvida das suas motivações inolvidáveis -, é tarefa precípua da autonomia de ao pensar a si e por si mesmo e decidir a qual método aderir orientar-se no pensamento. É no *ato de se orientar* que a filosofia crítica se mostra mais abrangente, mais cosmopolita, mais capaz de propiciar a saúde da razão e o seu vigor.

Orientar-se geograficamente significa, a partir de um ponto fixo, estabelecido por convenção, ser capaz de encontrar a sua direção (dado o sentimento da diferenciação entre esquerda e direita). Na razão, não há nenhum ponto fixo, nenhum lugar onde se apoiar definitivamente. Para Kant, cabe ao entendimento a tarefa de reflexão transcendental, pela qual se distingue a fonte dos conhecimentos; se contêm a referência a uma intuição sensível. De modo similar, cabe à razão a tarefa de meditação, pela qual pode retirar uma lição de si mesma.

O que se pode aprender ao meditar sobre a reflexão é que a constante atividade da razão, que é incessante e não se apóia em lugar nenhum, é um

movimento que lhe é próprio. Para buscar conhecer a si mesma, a razão precisa transitar por diversos pontos e perspectivas e, mesmo em posse do seu autoconhecimento, a sua atividade não cessa. É o método crítico que é capaz de abarcar a razão em sua pluralidade e movimentação, de modo que possa compreendê-las e orientar a si própria. Se o dogmatismo e o ceticismo por si só são insuficientes, se as filosofias se contradizem entre si, se as religiões, as ciências se contradizem entre si, e todas elas se contradizem umas às outras, como é possível orientar-se, ou seja, transitar por todos esses campos de saber sem, no entanto, se “perder” em nenhum deles?

Orientar a si mesmo no pensamento pressupõe a autonomia e tem como finalidade que o pensamento permaneça autônomo. Pode-se afirmar que o único “ponto fixo” que a razão é capaz de encontrar, o qual lhe confere apoio e segurança em todas as suas investigações, é a distinção entre fenômeno e coisa em si. Seja em investigações empíricas ou teológicas, essa distinção estabelece o domínio próprio do conhecimento e circunscreve suas fronteiras *a priori*, que não se erguem a partir da própria coisa, mas do autoconhecimento. Como escreve Kant, *o uso comum do entendimento é uma pedra de toque para o seu uso especulativo*.

O conceito-limite da coisa em si é determinado com a investigação da razão pura pela razão pura. Ao reconhecer em si as fronteiras da própria razão, não se irá buscar ultrapassá-las em nenhum outro lugar. Nestas diretrizes se resume, em termos gerais, o idealismo crítico-transcendental: primeiramente, NENHUM OBJETO SEM SUJEITO, em segundo lugar, não confundir o subjetivo com o objetivo. Desse modo, em vez de ser tão-somente negativo, é um esclarecimento das capacidades e ilusões da razão, de maneira que é um recurso sempre disponível para o ato de se orientar.

As pesquisas científicas têm limites em conhecer a existência real, em determiná-la independentemente do sujeito do conhecimento, a religião na medida em que ultrapassa o domínio da experiência possível, trata-se de fé – fé racional -, não de conhecimento propriamente. As filosofias não têm de ser nem aceitas nem rejeitadas por serem céticas ou dogmáticas, ao contrário, é preciso ser capaz de

detectar nelas o raciocínio conseqüente, independente da confusão de fenômeno e coisa em si, e livre da omissão das motivações intrínsecas da razão. Em estreita conexão com a capacidade de orientar-se está o ecletismo; buscar nos autores o filosofar, a expressão da sua racionalidade como homens pensantes, para além de suas doutrinas.

O ecletismo está subjacente à despersonificação de dogmatismo, pirronismo e criticismo, para se considerá-los pertencças da própria razão humana. É oposto ao sincretismo, que não respeita a diferença entre idéias e as reúne artificialmente. O ecletismo, pelo contrário, tem como fundamento o ponto de partida comum ao raciocínio, os problemas que a razão coloca à própria razão; os pensamentos que têm, de início, uma natureza afim. Ao passo que o sincretismo é a reunião ou apropriação disparatada de idéias, retiradas de seu contexto doutrinário. Pode-se afirmar que o ecletismo ocupa-se apenas do filosofar - não de sistemas filosóficos -, e sempre quando necessário, o contextualiza de acordo com a história da sua concepção.

O filosofar que – em oposição à sistematização característica da filosofia –, pode ser considerado livre, consiste em experimentar o pensamento sem compromissos previamente estabelecidos, nem com uma finalidade determinada, nem com a exposição de seus resultados. No entanto, pode-se afirmar que como as questões que provocam o filosofar são impostas pela própria razão humana, a liberdade própria do filosofar, que se traduz em sua multiplicidade de caminhos, mantém ainda a unidade do seu ponto de partida. Através dessa unidade, é possível aproveitar-se da sua multiplicidade, de modo a pensar sobre uma questão, que é imposta pela própria razão, de modo ampliado, com o auxílio das perspectivas de pensadores mesmo de tempos distantes, sem anacronismo - que, inclusive, podem ser até mais “atuais” que as nossas. Nesse sentido, não é suficiente ter um caminho e manter-se nele, que se considera “bom” por ser formado a partir da superação das falácias de outros tantos caminhos observados e refutados.

É preciso questionar-se constantemente, tanto para ver se ainda se está trilhando pelo mesmo caminho, caso em que se deve refletir sobre qual é

precisamente o novo, quanto para ver se não é realmente preciso alterar o caminho até então percorrido. Pode-se afirmar que é somente por conter em si mesmo a adoção de diversas perspectivas, por ser capaz de questionar a si mesmo e de incluir aos seus raciocínios os raciocínios de outros – como o faz a filosofia crítica de Kant -, que um caminho pode manter-se confiável, e nele pode-se permanecer caminhando.

Esses apontamentos tentam expressar a característica da filosofia crítica de Kant ser sempre atual, e ser, nas palavras de Jaspers, o “absolutamente indispensável” - e, no que sua filosofia não pode mais ser seguida, cabe retomá-la e ultrapassá-la, pois os problemas que nela se encontram são ainda os nossos.